

pòs

Editorial

*Sonhos meus, bem sei, inviáveis neste mundo duplamente pecuniário. O que se está fazendo, de fato, é destruir ao ritmo de cem mil quilômetros quadrados por ano a área de 4,5 milhões de quilômetros quadrados, onde ainda viceja a floresta virgem, para plantar capinzais, cada vez mais extensos. Seu plano insano parece ser o de converter a Amazônia florestal num pampa pobre. Tanto mais porque a mata, uma vez derrubada, expondo a terra nua às chuvaradas, frequentemente as torna estéreis, fazendo aflorar massas de areia à superfície. O que está construindo, em muitas áreas, dizem os cientistas, é um novo e imenso deserto. Isto é o que se vê nas áreas em que a mata foi tombada, há uns vinte anos. (RIBEIRO, Darcy (1922-1997). O assalto da civilização In: RIBEIRO, Darcy. **Testemunho**. 4. ed. Rio de Janeiro; Brasília: Apicuri; UnB, 2009. 208p.).*

Nós, do corpo editorial da Pós – Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, temos o prazer de apresentar mais uma edição da Revista. O volume 14, número 2, de 2019, destaca as produções recentes no âmbito dos Estudos Sociais das Ciências e Tecnologias. Do ponto de vista das novas configurações científicas e tecnológicas contemporâneas, os Estudos Sociais das Ciências e Tecnologias se dedicam a investigação dos processos de comunicação, divulgação e legitimação do saber científico numa perspectiva interdisciplinar que dialoga com as diversas áreas do conhecimento. Podemos dizer que se trata

de uma área em constante expansão na contemporaneidade que se dedica ao exame crítico dos paradigmas e “controvérsias” no qual a ciência se mostra como arena central de disputas discursivas para obter a maior legitimação, tanto do campo científico em si, quanto da sociedade.

Nesse sentido, trata-se de um campo das ciências sociais fundamental no contexto contemporâneo, especialmente por presenciarmos cotidianamente a difusão da lógica da “controvérsia” nos assuntos mais variados, sendo exemplo marcante a questão do fenômeno do aquecimento global ser posta em dúvida e o conseqüente degelo das calotas polares, movimentos de questionamento da eficácia das vacinas e questionamentos acerca da importância da preservação ambiental. Na esfera pública, sobretudo na política, as disputas discursivas são instauradas, na maioria dos casos, para a legitimação de determinada decisão e ação política. Diferentemente de outros momentos históricos em

que as controvérsias foram utilizadas para uma demanda de justificação pública, basta lembrar a controvérsia sobre o uso do tabaco na segunda metade do século XX nos Estados Unidos, atualmente, com a primazia do debate nas plataformas de relacionamento online, a reflexão científica caminha para uma banalização em massa por meio da disseminação de informação sem base científica confiável. Todavia, não significa que a disseminação da informação carrega consigo a formação de uma cultura crítica. Os estudos que abordam as novas tendências de difusão e justificativa da ciência moderna auxiliam na composição de um panorama social mais amplo do impacto dos novos paradigmas presentes no mundo contemporâneo. Nessa perspectiva, a ciência que se dedica ao exame dos próprios contornos das “controvérsias” e paradigmas atuais se justifica como um campo de suma importância para a compreensão dos recentes contornos da discussão sobre ciência.

As arenas discursivas contemporâneas de debate

científico mostram muito mais que o posicionamento de X ou Y a respeito de determinado artefato tecnológico ou científico, ao fim e ao cabo, elas desvelam as visões de mundo mobilizadas nas diversas esferas do convívio social. Em vista disso, a análise das demarcações discursivas e das percepções sociais sobre a ciência ajudam também a entendermos os caminhos da própria democracia contemporânea. Entendendo a palavra democracia em seu sentido enfático e indissociável de um modo de vida plural, vemos na atividade científica um exercício não somente democrático, mas, sobretudo, da liberdade que assusta toda espécie de movimento que tende ao totalitarismo.

A ciência, como atividade crítica e libertadora, somente pode existir sob o signo humanizado da coexistência de diferentes, nesse sentido, tanto ela quanto a democracia, demandam o exercício livre da vontade. Tanto é verdade que seu contrário, isto é, a tirania, se corporifica como entidades do dogma, do não questionamento

e da não realização da vontade. Sapere aude!

Esperamos que as leituras dos trabalhos de nossos/as colegas sejam prazerosas e inquietantes, contribuindo, neste enorme número de temática, com reflexões amplas sobre as ciências sociais e sobre a ciência como pensamento livre.

Os artigos que compõem o atual dossiê são resultados de pesquisas submetidas à Revista entre 2016 e 2017.